

A INSEGURANÇA DO ATUAL SEGURO MÉDICO

Assaf Hadba

“As sombrias perspectivas a que a medicina e doente assaltados pela ganância daqueles que, se interpondo entre ambos, fazem da assistência médica o mercado da comercialização da doença e do lucro fácil, nos levam a concitar a classe médica, a nossa classe, através de esforços e de uma organização conjunta das entidades associativas e das cooperativas éticas ao combate a tais empresas.”

Há mais ou menos 35 anos, quando o médico ainda possuía liberdade de trabalho, tinha início no país uma estrutura que insidiosamente foi se apossando do serviço médico e abrangendo-o até a quase retirada de sua liberdade. E começou com os defeituosos institutos de previdência (os IAPS), que se fundiram gerando o teratológico INPS, cujos subprodutos, como a medicina de grupo de agremiações paralelas, consagram a escravidão do médico, ao lhe imporem um atrelamento obrigatório que nivela por baixo o padrão da medicina.

Criou-se assim a figura do intermediário, intruso que a classe médica, reduzida à impotência, não conseguiu evitar.

Apregoamos, em muitas oportunidades, que a conduta antinatural, imprimida pela previdência social à assistência médica do Brasil a levaria para extenuação precoce e conseqüentemente falência, proporcionando, pelo abandono de uma séria política nacional de saúde, facilidades para qualquer empresa explorar a medicina, os médicos e os pacientes.

É, isso, motivo suficiente para nos posicionarmos em torno de fundamentais princípios tais como:

1) Considerar inaceitável que qualquer entidade

não médica faça contrato para o trabalho do médico;

2) Considerar que o trabalho médico não é produto de lucro, fruto da mercancia; só o médico deve ser recompensado e só o paciente beneficiado.

O lucro sobre a doença é o desrespeito à pessoa humana, inaceitável em todas as épocas e agora intolerável. Nunca é demais afirmarmos que o exercício da medicina assenta-se na afetividade, no amor, no romantismo e no livre arbítrio, não aceitando a exploração por terceiros do labor do médico e da necessidade do paciente, como se fora uma simples transação comercial. Este respeito pela pessoa humana de que nos fala Von Hering, em seu livro “A luta pelo direito”, deve e precisa ser motivo de reflexão de todos aqueles que têm o dever de aliviar a dor, salvar os moribundos e conservar a vida.

A classe médica brasileira não pode compactuar com este momento de quase total desrespeito à pessoa humana, tratada como simples mercadoria. Este flagrante menosprezo à pessoa humana encontra-se em pleno andamento com a invasão ostensiva e acintosa das televisões e os demais meios de comunicação pelas instituições financeiras, que nos deixam pasmados ao transformarem a assistência médica em simples transação de lucros e perdas.

É indiscutível que essas empresas buscam primeiramente a faixa de maior poder aquisitivo,

representada por 5% da população, ou seja, sete milhões de habitantes, cuja capacidade econômica permite qualquer complementação à tabela de honorários imposta.

Vencida esta etapa, seguir-se-á fatalmente a outra, que terá como alvo uma fatia de menor poder aquisitivo representada por 15% da população, ou seja, 22 milhões de pessoas, cuja força financeira não ultrapassa o prêmio, portanto, com capacidade de remunerar o médico exclusivamente com a tabela de honorários imposta.

Entusiasmados pelos lucros auferidos, estas instituições não deixarão os 80% restantes da população brasileira sem "Assistência Médica", pois aqui reside a sua maior lucratividade, uma vez que poderão repetir sem qualquer constrangimento a situação que vivemos, oferecendo medicina de baixo padrão com a contratação de médicos assalariados, ambulatórios, hospitais e tudo o mais. É a repetição da história, é o rolamento do problema por mais de 40 anos em que se muda apenas o padrão, isto é, as instituições financeiras substituindo o INPS com grilhões de difícil remoção: aí está a insegurança deste atual seguro médico. Não podemos aceitar o grande risco a que estamos expostos sem alertar as nossas entidades maiores, as cooperativas éticas e toda a classe médica brasileira. A classe médica brasileira encontra-se ávida do retorno de uma medicina livre e inteiramente marcada pelos padrões que elevam os conhecimentos de todos, ao mesmo tempo que procura sanar o grave erro da atual, que discrimina odiosamente a maioria ao marginalizá-la do mercado de trabalho.

Sem o estímulo necessário para a competição em mercado livre, fica a grande maioria constrangida pelo emprego aviltado ou pelo subemprego escravizador ou ainda pelo desemprego humilhante.

Em todas as sociedades livres, os modelos de assistência médica permitem a opção pela carreira liberal ou por empregos que, embora necessários, são sempre minoria. É tempo de reflexão; é preciso mudar a ótica, pois mudou a ética. Nunca é demais repetir que o ético de ontem pode ser o imoral de hoje e vice-versa.

Em recente passado a sociedade considerava incompatível dentro de sua ótica moral o trabalho médico com qualquer outra atividade que não exclusivamente médica.

Por outro lado, a despreocupação do médico com as coisas negociais e as ações políticas, ao longo do tempo, levaram-no a quase total descaracterização do seu trabalho nos aspectos extrínsecos, tornando-se a esmagadora maioria escravizada a sistemática humilhante que hoje predomina.

Se de um lado a sociedade da época tinha a força da visão ética que proibia a participação do médico e de suas entidades nas relações comerciais e ações políticas, hoje, esta mesma sociedade exige, para a sobrevivência da medicina em sua real natureza, que as entidades assumam tal posição. Vivemos hoje um novo pacto social, que transformando a visão ética do posicionamento médico, permite que proponhamos, neste histórico instante, a aglutinação das entidades médicas e cooperativas éticas para que assumam a assistência médica do Brasil, através do seguro saúde adquirindo uma seguradora.

Entre as muitas razões que motivam a aquisição de uma seguradora e a implantação do seguro saúde, duas se destacam basicamente:

a) O extermínio da exploração do trabalho médico e da doença;

b) A universalização do mercado de trabalho com a participação de todas, sem discriminação.

Sei que muitos estariam se perguntando como enfrentar o poderio financeiro das instituições intrusas e gananciosas de lucro? Não é fácil, porém, será preciso, para alcançarmos tal objetivo, que nós nos conscientizemos de qualquer contrato efetuado pela mais poderosa instituição mercenária, será falido se nós, médicos, não prestarmos os nossos serviços.

E por que iremos emprestar os nossos serviços às seguradoras lucrativas do nosso trabalho e da doença do paciente, quando nós mesmos podemos transformar tudo isso em melhoria dos padrões de assistência e da justa remuneração do médico, se tivermos a nossa seguradora, que harmonizará e viabilizará o atendimento aos doentes?

Por que permitir que terceiros, que visam somente o lucro, façam mal aquilo que nós, com nosso trabalho e a nossa integridade profissional poderemos fazer bem?

Mergulhar nas trevas da incerteza ou encontrar na clivagem da omissão o seu caminho é o vulgar espectro que passa pela vida sem deixar a marca que caracteriza o ser humano.

Não foi e não será na covardia e no medo que a humanidade plantou a plantará, transmitiu e transmitirá a sua grandeza.

Acreditarmos, nós médicos, cada um em nos, é fundamento indispensável para o sucesso que queremos. Só a certeza, a confiança e a ação continuada podem fortalecer o espírito dos que agem com amor.

Energizar as nossas ações e direcioná-las para a eficácia técnica e moral dos atos médicos é função insubstituível das entidades médicas e cooperativas éticas que estão, como toda a classe,

buscando soluções urgentes para o delicado e perigoso estágio em que se encontra a medicina pátria. Não é preciso parar para refletir, mas é preciso refletir para não retroagir impedindo a exploração do médico e do paciente, pelas forças mercantis. Companheiros, a omissão é o caminho mais curto para a submissão, e não é este o caminho que a dignidade da medicina brasileira merece.

Vamos, companheiros; temos a força. Não a força bruta da truculência e da insensibilidade, mas a do direito e da moral conquistados nos conhecimentos postulares de uma profissão que não admite em si mesma a interferência de terceiros.

Vamos, companheiros; temos a força. Não a força unitária de cada um por si mesmo, mas a força da unidade somada que torna a nossa causa imbatível.

Vamos, companheiros; temos a força. Não somente a força legal, mas, acima de tudo a força do afeto, do romantismo, do amor e do respeito à pessoa humana, que cercam e privatizam as ações médicas nos seus ideais de mútua confiança do binômio médico/paciente.

Vamos, companheiros; temos a força. Não a força do charlatanismo, dos adivinhadores e das bruxarias, mas, a força dos conhecimentos e, por que não dizer, da intuição que nos leva ao diagnóstico mesmo antes da anamnese.

Vamos, companheiros; temos a força. Não a força dos milagres, mas a força de penetrarmos no âmago do psiquismo e aliviarmos o sofrimento

físico ou moral do nosso semelhante.

A medicina é, antes da profissão, uma missão, missão que para ser cumprida precisa da profissão, cujas condições de conquista modificaram-se, embora sejam imutáveis os princípios do direito de o paciente escolher o médico de sua confiança e da liberdade do médico de exercer a sua profissão.

Vamos, companheiros; temos a força. Não as forças débeis que sombrearam este lapso de 35 anos de experiências negativas, vivenciadas com amargura e profunda tristeza por todos nós, mas sim a força harmônica e uniformizada no conjunto de todos unidos, repudiando o lucro de terceiros para transformá-lo em benefício da medicina.

Vamos, companheiros; temos a força. Não a força de nos escravizarmos às instituições financeiras ou que tais, e sim, a força de nossas entidades e cooperativas éticas assumirem a assistência médica deste país dentro dos padrões morais exigidos.

Vamos, companheiros; temos a força. A força para adquirir uma seguradora e transformá-la em empresa que enobreça o serviço médico desta nação.

Vamos, companheiros; temos a força para ser o que somos e desmascarar quem não é.

Vamos, companheiros; temos a força, o conhecimento e a experiência e saberemos gerir, para não sermos geridos.

“QUEM SABE FAZ A HORA E NÃO ESPERA ACONTECER.”

Vamos companheiros!